

RESENHA

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo/Campinas: Ed. Boitempo/Ed. da UNICAMP, 2002.

Por: Wellington de Oliveira¹

István Mészáros é um filósofo de naturalidade húngara, nascido em 19 de dezembro de 1930. Ele filia-se intelectualmente ao campo do marxismo, tendo trabalhado com o conhecido filósofo, também de nacionalidade húngara, Georg Lukács. Atualmente é professor emérito na Universidade de Sussex (Inglaterra).

A obra que ora está sendo resenhada é tradução da original inglesa editada em 1995 cujo título é *Beyond capital - towards a theory of transition*, Merlin Press.

O objetivo central do autor é desenvolver uma análise sobre o funcionamento do modelo capitalista, apontando para uma ótica de superação do capitalismo, aprofundando as discussões para além do que Marx apresentou nas obras *O Capital* e *Grundrisse*.

Para tal ele caracterizará o capital como sendo um fator que emerge na História da humanidade antes mesmo da consolidação do modelo sociometabólico capitalista e chegando inclusive a existir em sistema pós-capitalista como o modelo soviético de organização societária. Ele apresenta esse argumento partindo do pressuposto que o sociometabolismo do capital se assenta em um tripé:

- . Estado
- . Capital
- . Trabalho.

Assim analisando pode-se observar que ocorria no chamado Leste-europeu e na URSS não diferia do que acontecia nos países ditos capitalistas, o tripé se mantinha, mesmo porque a característica fundamental do capitalismo é a subordinação do trabalho ao capital e isso também ocorria no referido espaço geopolítico.

"A força de trabalho da humanidade se encontra submetida aos alienantes imperativos de um sistema global de capital". (MÉSZÁROS, 2002:18)

Desta maneira, segundo o autor, o sistema de capital apresenta "defeitos" genéticos e estruturais, porque:

- . Produção e controle são antagônicos, o modelo é impossível de ser controlado.
- . Existe um lapso entre consumo e produção, pois a última pode estar acelerada mas produzindo uma escassez, isto em momentos de crise é facilmente perceptível.
- . A força de trabalho encontra-se submetida em nível global ao capital, mesmo no pós-capitalismo.

Mészáros, parte de um pressuposto bastante interessante, quando ele argumenta que a taxa de utilização do valor de uso das coisas é decrescente, daí a razão do crescimento imensurável do capital, levando a um sociometabolismo expansionista, destrutivo e no limite incontrolável.

Para tal ele aponta um pequeno, mas elucidativo exemplo: a população dos Estados Unidos da América representa 5% da população global, porém consome 25% da energia mundial.

Diante desta análise introdutória, o autor propõe que não há possibilidade de conciliação no campo do sistema sociometabólico do capital, portanto desenvolve a idéia de que o caminho

¹ Professor titular UNI-BH/Doutorando em Educação FAE/UFMG

deve ser a ruptura radical, tendo que ser global e universal. Ele é enfático quando afirma que é impossível o socialismo em só país, não importando o grau do avanço das forças produtivas do mesmo.

Adverte que no campo parlamentar é impossível superar a lógica do capital e seu metabolismo, pois o Estado é parte constituinte do sistema sociometabólico do capital. Isso é muito forte na obra analisada de Mészáros que ele critica as formas de mediação encontradas na sociedade: o sindicato, que ele afirma não conseguir ir além das questões econômicas bem como os partidos políticos, pois os mesmo se restringem à luta política parlamentar.

Qual seria, então, a alternativa?

Para o autor a solução seria gerar um sistema sociometabólico que vá além do capital, que seja auto-regulado. Nesse sentido, para fazer essa proposta, Mészáros irá se apoiar metodologicamente em 3(três) construtos:

- . Marx, nos escritos dos Grundrisse
- . Lukács, nas polêmicas e diálogos travados com o autor
- . Rosa Luxemburgo, quando se apoia em sua radicalidade crítica da economia-política.

Mészáros principia sua discussão no sentido de apontar uma alternativa de superação ao sistema metabólico capitalista certificando que o sistema capitalista é perpassado por uma crise endêmica e, portanto, deve-se criar uma alternativa radicalmente socialista.

A idéia central de Marx sinaliza que a classe operária se organiza em sindicatos e posteriormente em partido político, toma-se como exemplo a classe operária inglesa. Mészáros aponta restrições a esse modelo, afirmando que torna o movimento operário setorial e parcial. Segundo ele, a questão não está na subjetividade na construção objetiva do sociometabolismo do capital, todavia reside no fato da existência de pluralidades de capital, apesar da concentração, centralização monopolística acentada na transnacionalização. Isso leva também uma pluralidade do trabalho, pois não se pode esquecer que no capitalismo a centralidade do sistema se estrutura na subordinação do trabalho ao capital.

Deduz-se daí que o caráter setorial e parcial do movimento operário se combina com sua articulação defensiva, levando os sindicatos a serem interlocutores do capital e não adversários estruturais, pois os mesmos são os interlocutores legais, constituídos e regulados pelo Estado. O exemplo desta postura "parlamentar" é materializado no chamado Estado do Bem-Estar Social (Welfare State).

A presença de partidos políticos trabalhistas e socialdemocratas de vanguarda, tornam o movimento operário domesticado, pois se afastam do movimento socialista em sua concepção original. Interesse, que Mészáros adverte que a atuação do capital se dá no campo extraparlamentar, "par excelente", daí dominar o parlamento exogenamente.

Por outro lado, os sindicatos nas sociedades pós-capitalistas se constituem como correias de transmissão da propaganda oficial, conforme a concepção hegemônica no modelo soviético, que, por sua vez, decorre de uma concepção stalinista.

Para ir além do capital, torna-se urgente reorganizar a luta política dentro dos seguintes parâmetros:

- . Politização dos sindicatos
- . Partidos políticos desafiadores da ordem capitalista, responsabilizando-se pela luta dentro e fora do parlamento.

"Ao longo de toda a sua história, o movimento operário foi setorial e defensivo."(MESZÁROS, 2002:24)

Em função da relação de dependência do trabalho frente ao capital, o movimento operário sempre se apresenta de forma fragmentada, assumindo uma atitude defensiva que legitima o controle sociometabólico do capital..Como o sindicato se coloca no campo das reivindicações econômicas e o capitalismo é suscetível às crises, incapacita os sindicatos obterem ganhos levando, com isso, a perda de espaço para o seu caráter defensivo.

Seguindo a lógica narrativa e interpretativa de Mészáros, o mesmo aponta na possibilidade de superação desse dilema: inserção do movimento operário dentro de uma perspectiva

reformista ou na perspectiva pós-capitalista; modelo soviético. Segundo ele existem horizontes possíveis para o enfrentamento do desafio e criar-se um movimento socialista radical. Para tanto ele apresenta as seguintes alternativas:

- . Negativa, pois o atual sistema sociometabólico do capitalismo tornou-se uma força incontrolável e incapaz de realizar suas proposições, em função mesmo de ser incapaz de exercer controle sobre sua existência e legitimação.
- . Superação do trabalho frente ao capital, principalmente porque a relação capital e trabalho não é simétrica.
- . O reformismo não foi capaz de constituir-se enquanto força anticapitalista, portanto um controle real de uma ordem sociometabólica alternativa já historicamente possível.

Continuando sua análise, Mészáros aponta como grande possibilidade de que o fermento da transformação encontra-se mais presente na América Latina que em outros continentes.

... enfatizei o fato de o fermento social e intelectual na América Latina promete para o futuro mais do que podemos encontrar atualmente nos países capitalistas avançados. Isto é compreensível, já que a necessidade de mudança radical é muito mais urgente na América Latina do que na Europa e nos Estados Unidos. (MÉSZÁROS, 2002:31)

Ele menciona a intolerância que a Era do Capital monopolista globalmente saturado contém à medida que não pode tolerar a prática do pluralismo político parlamentar, inclusive aquelas que serviram para justificar as posturas reformistas das Social-democracias, provocando daí uma postura acéfala no campo da esquerda.

Importante salientar que a posição dos partidos socialistas-democratas dos países capitalistas vêm sistematicamente excluindo de seus programas a idéia das contradições de classes (lutas de classes) e assumindo tranquilamente o discurso único da crença no livre mercado e na modernização como única alternativa. Exemplos são vários, mas o autor, enfatiza o caso britânico, Margaret Thatcher e por extensão, a idéia de terceira via do trabalhista Toni Blair. Mészáros nos lembra também da postura reformista de Gorbachev que abandona as referências socialistas e termina na presença à frente do PC soviético com o slogan: "democracia e prosperidade". Aliando seu discurso ao ideário neoliberal que se estabelecia como hegemônico àquela época.

Torna-se necessário uma construção de um discurso e desenvolvimento de uma teoria de transição: capitalismo/socialismo.

"A crise do marxismo, sobre a qual nas últimas décadas muito se escreveu, na verdade denotava a crise e a quase completa desintegração dos movimentos políticos que outrora professavam sua lealdade à concepção marxiana de socialismo". (MÉSZÁROS, 2002:43)

Para tal torna-se importante entender o sentido do título da obra "Para além do capital";

- . Ultrapassar o capital e não só o capitalismo, uma vez que o capital existe antes do capitalismo e em sociedades pós-capitalistas (Rússia e Leste europeu).
- . Desenvolver mais profundamente a obra inacabada de Marx, inclusive com o objetivo de ir 'além do capital'.
- . Articular o modelo marxiano com o sistema capitalista do século que se apresenta um controle híbrido.

Mészáros aponta em sua obra uma análise estrutural do sistema de capital, quando ele reafirma a característica fundante que é um modelo de crise permanente, e que as promessas de desenvolvimento propostas no século XX não foram cumpridas, sendo as mesmas foram:

- . Acumulação e expansão monopolista do capital privado, identificando esse período historicamente com o Imperialismo.
- . Economia planejada do tipo soviético, esse modelo teve um colapso dramático sem conseguir se estabilizar e participar do clube do capitalismo avançado.
- . Modernização do Terceiro Mundo, cinquenta anos de modernização do chamado Terceiro Mundo a condição dessa região geopolítica ficou pior.

Interessante assinalar que a chamada "Nova Ordem Mundial" se apoia na utilização decrescente de capital e procura se organizar, via Estado, através do complexo industrial/militar. Essa tese que Mészáros se apropria decorre dos escritos de Rosa Luxemburgo que fora a primeira analista socialista a levantar essa problemática. Outro dado importante a ressaltar diz respeito à regularidade das crises do modelo sociometabólico do capitalismo, ou seja, o modelo analisado por Marx em seu tempo apresentava regularidade de expansão longa, atualmente se dá ao contrário, as crises são endêmicas quase que sendo a normalidade metabólica do sistema.

Inclusive deve-se realçar que o modelo keinesiano tentou justamente organizar o sistema de maneira que as crises fossem controláveis via Estado, mas, conforme Mészáros, o sistema metabólico do capital permaneceu inatacto. O autor critica aqueles partidos ou analistas de esquerda que recorrem ao keynesianismo como solução para os problemas atuais da classe trabalhadora. Dirá ele que a proposta keynesiana é permanência histórica e não de ruptura.

Para reafirmar a necessidade de se ir além do capital, Mészáros apresenta em sua obra, uma problematização do pensamento hegeliano. Ele estabelece como questão básica a trajetória histórica do mesmo demonstrando como fora necessário e importante a superação do pensamento marxiano em relação ao legado hegeliano.

Sabe-se que o pensamento marxiano tem como um de seus sustentáculos o pensamento de Hegel, filósofo alemão que muita influência exerceu nos jovens estudantes universitários alemães na segunda metade do século. O jovem Karl Marx vivenciou essa efervecência intelectual, sendo que na década de 40 do século XIX o governo prussiano era no sentido de combater o pensamento hegeliano, apostando nas idéias conservadoras de Schelling². Marx alinha-se ao grupo dos hegelianos, porém adotando uma postura crítica.

Neste contexto pode-se afirmar que o legado hegeliano será abandonado tanto pela chamada burguesia liberal como pelos reformistas socialistas, principalmente no que diz respeito à metodologia dialética e a concepção histórica denominada "idealismo objetivo".

A leitura feita pelas esquerdas do legado hegeliano foi de maneira negativa sendo que durante a II Internacional, por intermédio de Edward Bernstein há um retorno às teses neokantianas de positivismo e neopositivismo. E na década de 20 os stalinistas da III Internacional divulgavam uma postura negativa das teses hegelianas.

Importante ressaltar que a negatividade do pensamento hegeliano, principalmente no campo da dialética, fez com que tanto a socialdemocracia como para os stalinistas a história já cumprira sua missão. Pelo lado da socialdemocracia não haveria mais possibilidade de se organizar a sociedade de outra maneira e para os stalinistas com a ditadura do proletariado a luta de classes já desaparecera e portanto estaria no comunismo, daí fim da história.

Mészáros, intuito de clarear e contextualizar a produção de Hegel, desenvolve uma análise da conjuntura histórica no qual as idéias hegelianas foram forçadas. Hegel fora contemporâneo da Revolução francesa de 1789 e todos os levantes significativos da época, portanto a categoria contradição é central em seu sistema.

O que deve ser enfatizado aqui é a importância do simples fato de uma filosofia concebida do ponto de vista do capital, em determinado estágio do desenvolvimento histórico, tenha reconhecido os antagonismos históricos objetivos. (MÉSZÁROS, 2002:55)

Hegel, ao construir seu sistema no sentido de analisar a Revolução Francesa, já trabalha como a idéia de que o terceiro Estado encontrava-se dividido por interesses de classes. Torna-se importante ressaltar que ele estabelece o conceito de História universal e que a História não é algo linear movimenta-se de uma maneira dialética. Porém esse movimento da história proposto por Hegel tem como objetivo a conquista da liberdade e, essa liberdade só seria alcançada no espaço do Estado, sobrepondo à sociedade civil. Ora, pensando dessa maneira, Hegel eterniza a ordem sociometabólica do capital, à medida que a possibilidade da contradição e, portanto, mudanças, desaparecem em seu sistema filosófico. Nesse ponto que se abre o espaço para as críticas elaboradas por Marx e Engels. Sendo mais enfático após a revolução

burguesa de 1848/49, quando Hegel aproxima suas idéias do ponto de vista do capital, como Adam Smith.

Hegel identifica-se com os economistas ingleses e escoceses, portanto, a história não é algo aberto para o futuro pois ela se concretiza no campo sociometabólico do capital: sociedade civil capitalista e de sua formação do Estado.

Na história do mundo, só podemos observar os povos que formam um Estado. Devemos entender que este último é a realização da Liberdade, ou seja, da meta final absoluta, que existe para si mesmo. Deve-se ainda entender que todo o mérito que possua o ser humano – toda a realidade espiritual -, ele só o possui por meio do Estado... (HEGEL apud MÉSZÁROS, 2002:61).

Com o coroamento do Estado germânico, as mudanças no campo da “sociedade civil” tornam-se cristalizadas, sem possibilidades de mudanças. A Lei histórica estipulada por Hegel segue uma tradição filosófica burguesa: “providência de Vico”, a “mão oculta” de Adam Smith, o “plano da natureza de Kant ou a “astúcia da Razão” de Hegel e o “capital permanente universal de Hegel: a falsa mediação entre a individualidade personalista e a universalidade abstrata.

Mészáros discute o termo globalização de uma maneira clara como algo participante do processo histórico. O processo de globalização atual se afirma reforçando os centros mais dinâmicos de dominação e exploração do capital. Nada oferece aos países subdesenvolvidos, perpetuando a taxa de diferenciação de exploração.

A explicação apresentada por Hegel para a expansão européia se alicerça no chamado “destino da razão”, nada menos que o desígnio do “Espírito do Mundo”. Portanto, para Marx a superação do capitalismo deveria se dar em torno de um proletariado forte e universal.

Muita das vezes se afirma que Marx e Engels criticam Hegel devido ao idealismo hegeliano mas, a contundente crítica marxiana se atém ao fato da filosofia de Hegel se aliar ao projeto de economia política burguesa a la Adam Smith, e a eternização do modelo sociometabólico do capitalismo e engessar a prática capitalista em um Estado.

Para concluir o presente trabalho, importante dizer que a obra de István Mészáros nos faz lembrar que existe uma possibilidade de transformação do modelo sociometabólico do capitalismo e, como se apresenta no título, essa superação deve-se dar para além do capital.